Ano XXIV — Lisboa, Março de 1968 — N.º 275

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

IRREVERÊNCIA E SAUDOSISMO FRENTE A FRENTE

por JOEL RIBEIRO

Fala-se muito da irreverência da juventude, quase sempre se condenando acerbamente essa expressão do carácter dos jovens. Esquece-se, todavia, que, quando não se trate de casos que revelem deficiências de educação ou desequilíbrio mental, essas manifestações são normais na idade juvenil, índices, como são, de que esses jovens estão dando um passo em frente nessa caminhada que cada qual empreende na procura e afirmação da sua personalidade.

Os adultos devem ter em conta que o mundo que se oferece aos mais novos é um mundo repleto de imperfeições, de injustiças e até de inibições e contradições. Certos aspectos da vida em sociedade denotam um absurdo que o idealismo da juventude não pode aceitar. Tais factos exercem natural influência na gente nova, gerando nela um forte anseio de combater essas insuficiências e de as superar.

Diante de um problema desta natureza, não devem os adultos esperar colher resultados compensadores duma acção correctora, tendo por base meios repressivos ou censuras acrimoniosas. Tem aspectos muito positivos este inconformismo juvenil, pelo que carece de ser olhado com compreensão por parte dos mais velhos, que têm o dever de proporcionar aos novos, nestas circunstâncias, uma orientação disciplinadora, sim, mas conduzida com inteligência e moderação.

Porém, se é certo que muitos dos adultos se mostram impiedosos ante esta faceta pouco amistosa do carácter dos adolescentes, estes, por sua vez, não nutrem opinião mais favorável quanto às expansões saudosistas dos mais velhos.

Não há dúvida de que expressões do género «*no meu tempo*», «*antigamente*», «*hoje já não é assim*» e quejandas, têm o condão de provocar o cepticismo das camadas juvenis, avessas às influências daqueles factores, que consideram, pura e simplesmente, velharias inúteis.

Eis outra tese que reclama, agora da parte da mocidade, uma apreciável dose de tolerância e magnimidade. O reconhecido espírito de generosidade da juventude é chamado, nesta contingência, a assumir um esforço de compreensão de que é legítimo e natural que os mais velhos seleccionem, de um passado que também logrou as suas vitórias, aqueles momentos de maior e mais eficaz iniciativa e os elevem às alturas de paradigma do trabalho que é mister realizar nos dias de hoje. Embora os condicionalismos de cada época façam valer os seus imperativos tornando inadequadas hoje muitas das soluções outrora aplicadas com êxito, não é

Continua na pág. 6

"ESCUTISMO" na Enciclopédia VERBO

A conhecida Enciclopédia VERBO, que se está publicando em fascículos, inseriu recentemente o vocábulo «Escutismo», acerca do qual publicou interessante nótula em que são dados elementos acerca da fundação e desenvolvimento do movimento educativo fundado por Baden-Powell. Pena é que, trabalho bastante esclarecido, registe no entanto alguns lapsos, em parte talvez consequentes de **gralhas** *tipográficas, que não teriam grande importância se não se tratasse de uma obra destinada a consulta.*

Lê-se ali que a idade dos Lobitos vai **dos 5 aos 11 anos.** *Ora o regulamento britânico estabelece para os lobitos a idade mínima de oito anos; em Portugal o C. N. E. fixa os 7 anos, e a A. E. P. concede que a idade de*

Continua na pág. 5

NOVOS ASSINANTES

Um apelo que está sendo ouvido

O grave problema que constitui a manutenção deste jornal está sendo compreendido pelo grupo de amigos que se dispôs a garantir a sua subsistência.

Assim, mês após mês, vamos tendo oportunidade de registar manifestações de cooperação de que **SEMPRE PRONTO** *é o alvo.*

Este mês, temos a assinalar mais três espontâneas adesões à categoria de PATROCINADORES. Tratam-se dos nossos amigos srs. Armando Vasco Reis Dinis, Vasco Antunes e Luís Filipe dos Santos Gomes.

Temos, também, mais três novos assinantes a registar: a sr.ª D. Margarida Gonçalves Meireles, o Grupo n.º 23 dos Escoteiros de Portugal, recentemente formado em Queluz, e uma assinatura que o nosso estimado amigo sr. Amílcar Fernandes quis oferecer a um seu correspondente do Brasil.

São argumentos como estes que traduzem a determinação categórica dos nossos Amigos acerca do futuro de **SEMPRE PRONTO.**



Dr. António Gomes da Silva Pinheiro Ferreira Pinto Basto

Em 15 de Janeiro p. p., faleceu em Lisboa o sr Dr. António Ferreira Pinto Basto.

Talvez os escoteiros desconheçam, injustamente, que se trata de um grande amigo da gente nova, alma nobre, que foi sempre dedicada ao bem-fazer.

O Dr. Pinto Basto era o proprietário da Quinta da Fonteireira, em Belas, tão conhecida dos escoteiros, onde têm realizado muitos acampamentos, dadas as excelentes condições que possui e as facilidades que a ilustre Família Pinto Basto generosa e amàvelmente sempre concedeu para a sua utilização.

Quando, há dois anos, grande parte da Quinta da Fonteireira foi desvastada por incêndio, «Sempre Pronto» apoiou a sugestão feita no «Diário de Lisboa» de serem os escoteiros a plantar as árvores para substituir as destruídas, em homenagem de gratidão pela simpatia com que o seu proprietário distinguia os escoteiros.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Maria Luísa Ulrich Pinto Basto, e era pai da sr.ª D Maria da Conceição Pinto Basto Vilas Boas. Era filho do distinto desportista sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, já falecido, que, juntamente com seus irmãos, foi o introdutor em Portugal do futebol e doutros desportos.

Por vontade, já expressa da Família Pinto Basto, a Quinta da Fonteireira continuará à disposição dos escoteiros para ali realizarem os seus acampamentos, como era vontade deste grande amigo que os escoteiros acabam de perder.

À ilustre família em crepes, «Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas.

Palavras do Dr. Pinto Basto

Da página ESCUTISMO do Jornal «Novidades», transcrevemos este depoimento que traduz com fidelidade a nobreza dos sentimentos do Dr. Pinto Basto.

Tendo-lhe sido perguntado se o incêndio da Quinta da Fonteireira teria sido originado por algum escoteiro menos cuidadoso, o Dr. Pinto Basto respondeu imediatamente:

— Não foi, mas ainda que tivesse sido, isso em nada alteraria as minhas ordens quanto à utilização da minha quinta para os vossos acampamentos. Quando a abri aos rapazes, eu já sabia que teria de correr riscos, mas se não formos capazes de os correr, como poderemos fazer dos rapazes de hoje os homens de amanhã? O Escotismo é tão bom para esta gente nova que até merece que se corra o risco de um incêndio.

IMPRENSA

«A Capital»

Em 21 de Fevereiro p. p., voltou a ser publicado em Lisboa este jornal da tarde, agora sob a direcção do sr. Dr. Norberto Lopes, que tem como adjunto o sr. Dr. Mário Neves.

Ao novo órgão de Imprensa desejamos longa vida e numerosos êxitos.

O Escotismo Marítimo na Suécia

— por RAOUL NEVELING —
Comissário-Geral Adjunto da Associação de Escoteiros e Guias

Não é caso para admiração que este ramo exista na Suécia há vários anos.

Já em 1913 apareciam os primeiros escoteiros marítimos no nosso país. Milhares de ilhas, a maior parte delas povoadas, extensos litorais, portos em abundância, ausência de marés, tudo isto com as palavras de B.-P., que dizem que o escotismo marítimo era a experiência mais divertida da sua vida, explica a criação do escotismo marítimo na Suécia.

No entanto, não estamos satisfeitos, muito longe disso. Temos sòmente cerca de 5 000 membros, mas deveríamos ter várias dezenas de milhar.

A base das actividades do escotismo marítimo é o barco de patrulha, que pode conduzir uma patrulha inteira pelo arquipélago, onde os escoteiros podem fazer cruzeiros, navegar e descobrir a natureza. Este barco tem um velame de 22 metros, constituído por duas velas.

Uma vez sabendo navegar neste barco, sabe-se, também, navegar em barcos maiores. Para os mais velhos, os seniores, organizamos cruzeiros ao longo da costa; no mar alto, com outros tipos de barcos maiores.

A associação escotista sueca possui, há 25 anos, um barco-escola, a fim de estimular este género de actividades Este barco já cobriu uma distância equivalente a duas vezes a volta ao mundo e teve a bordo cerca de 2 500 seniores.

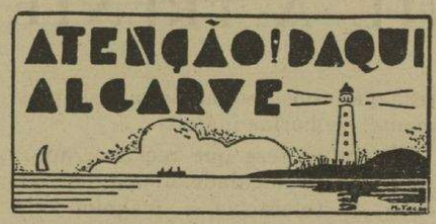
Verifica-se que o escotismo marítimo conta mais seniores que qualquer outro ramo. Esta situação explica-se pelo facto de nunca se chegar a navegador perfeito. Há sempre novas coisas para aprender e estas novas experiências dão à manobra dimensões completamente diferentes.

Temos também escoteiros marítimos que actuam nos nossos lagos e rios. Estes rapazes aprendem igualmente a manobra, a navegação e tudo o que respeita ao escotismo.

Muitos dos países europeus têm possibilidades, certamente, de praticar o escotismo marítimo. Por que não experimentar?

N. da R. — A nenhum outro país europeu esta pergunta poderá ser feita com tanta propriedade como a Portugal e, talvez, nenhuma associação escoteira teria tanta razão para se interessar pelo ramo marítimo como os Escoteiros de Portugal.

Então por que não temos escoteiros marítimos?



GRUPO N.º 6 — OLHÃO

O Aniversário do Grupo

Conforme noticiámos no último número, realizou-se em 4 de Fevereiro último, a festa do 43.º aniversário do Grupo n.º 6.

Estiveram presentes escoteiros dos Grupos n.ºs 60, de Vila Real de Santo António, e 77, de Faro, que, juntamente com os elementos do 6, desfilaram pelas principais ruas de Olhão até à sede da Sociedade Recreativa Olhanense, onde se realizou a sessão solene comemorativa.

Presidiu o sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, presidente da edilidade olhanense, que estava ladeado pelos srs. Dr. Manuel de Sousa Guita, subdelegado regional da Mocidade Portuguesa; João Zorra, vereador; Joaquim Gama, director da Misericórdia; José Leal, antigo escoteiro do 6; André Lopes Terramoto, dirigente da M. P.; Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente da Direcção do Grupo 6, Vaz Velho de Freitas, presidente da Junta de Freguesia; Prof. João Manjua Leal, antigo escoteiro; e José Manuel Pereira, chefe do Núcleo de Sotavento do Algarve da A. E. P.

O sr. João Trigueiros, escoteiro-chefe do grupo, aludiu ao significado da festa e ao valor educativo do movimento escotista. Ofereceu, em seguida, ao sr. presidente da Câmara o emblema dos escoteiros.

Foi depois colocada na bandeira do grupo a estrela de serviço. A alguns escoteiros foram entregues as insígnias de 2.ª classe.

Fizeram uso da palavra os srs. Manuel Pereira, que tomou o compromisso de honra de cinco novos escoteiros da patrulha constituída na Fuseta, João Trigueiros, Prof. João Leal, Lourenço Mendonça e, por último o sr presidente da Câmara que manifestou a sua satisfação por estar presente naquela festa de um grupo onde tantos olhanenses se haviam formado moral e fisicamente. Concluiu, fazendo votos pelo progresso deste grupo de escoteiros.

Intercâmbio Epistolar Escotista

Mais escoteiros estrangeiros que pretendem iniciar troca de correspondência com jovens portugueses:

— Modesto Augusto Tuñón H
Calle P — Edifício Capira, Apartamento n.º 1
Panamá 4 — Panamá
REPÚBLICA DE PANAMÁ.

— Ramon Romero Dorda
Gobierno Militar (Pabellón)
Plaza 17 de Júlio
El Ferrol del Caudillo — La Coruña
ESPANHA.

Os nossos Editoriais

«Jornal do Algarve»

Este importante semanário, que se publica em Vila Real de Santo António, na sua edição de 2 do mês em curso, dedica algumas linhas de comentário aos nossos editoriais que, sobre a crise da juventude, publicámos desde Novembro de 1967 a Fevereiro p. p., da autoria do nosso Director.

Agradecemos ao nosso estimado amigo e colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, correspondente de Lagos daquele jornal, esta prova de apreço.

3.º Curso de guias de patrulhas

«Dos cursos realizados até agora, este foi o que atingiu maior frequência e maior percentagem de aprovações».

— Motivo de satisfação do Director do Campo-Escola, Engenheiro Nobre Santos.

Em 4 de Fevereiro p. p., realizou-se na sede dos Serviços Centrais da A. E. P. a sessão de encerramento do 3.º curso de guias de patrulha que decorreu durante o final do ano passado, conforme «Sempre Pronto» noticiou.

A abrir esta reunião, que teve a presença de cerca de uma centena de escoteiros e dirigentes, falou o D. C. C. Engenheiro Nobre Santos que disse do seu contentamento pelos resultados obtidos, afirmando: «...dos quarenta e tal inscritos, vinte e dois conseguiram chegar ao fim. Claro que melhor seria se tivessem chegado ao fim e obtido o seu diploma todos os inscritos. Isso seria o óptimo. No entanto, a facto de terem conseguido vencer as provas e terem sido aprovados vinte e dois já é um sintoma razoável».

E mais adiante: «O que agora desejamos é que nos vossos grupos, sobretudo nas vossas patrulhas, saibais aplicar convenientemente os ensinamentos que obtivestes no curso».

Em seguida, o chefe Mário Leite, que foi o coordenador geral do curso, teceu considerações sobre o valor das provas realizadas, bem como dos «cadernos do escoteiro» executados durante o curso, comentando depois os «cadernos da patrulha», igualmente executados no curso pelos componentes das patrulhas constituídas.

A classificação final das patrulhas foi a seguinte:

1.ª	CUCO	923,7	pontos
2.ª	TIGRE	897,2	»
3.ª	PICA-PAU	882,9	»
4.ª	BÚFALO	821,0	»

Procedeu-se depois, por ordem de mérito, à chamada dos aprovados, que foram:

João Pedro Mendes da Ponte
Jorge Alexandre Bernardo Nobre Santos
Orlando Maria Andrade Lopes
Eduardo Manuel Fernandes Miragaia
Fernando Eduardo de Lima Costa
Pedro Manuel Borges Tavares
Jorge Manuel Ferreira Galante
João Domingos Alves da Silva
Joaquim Silvino Fonseca Martins
Manuel Augusto Fernandes Marina
António Manuel Costa Durão
Afonso Manuel Moreira Alexandre
António José Condeço
Eduardo José de Figueiredo Penaforte
Alvaro José Duarte Câmara de Sousa
Jorge Manuel Pina Ferreira
José Manuel Rosado Seguro
Eduardo Manuel Gonçalves Coelho
Carlos Manuel Nascimento Oliveira
Fernando Manuel da Silva Saraiva
Vítor Manuel da Conceição Duarte

O chefe Mário Leite leu ainda alguns comentários dos próprios escoteiros, extraídos dos seus cadernos, tecendo novas considerações sobre os mesmos. Terminou a reunião com algumas canções do repertório escoteiro, dirigidas pelo chefe Armando Morais.

No final, o chefe Nobre Santos agradeceu aos dirigentes que realizaram e colaboraram no curso: Mário Leite, João Constantino, Armando Morais, Armando Inácio, José Relvas, Pedro Lopes e Rui Dinis.



O Escotismo através do Mundo

GRÃ-BRETANHA

Príncipe André — O príncipe André, filho da rainha Isabel II, ingressou no movimento escotista, como cadete.

A caminho da América do Sul — Três dirigentes escotistas britânicos partiram para a América do Sul, a fim de neste continente colaborarem numa campanha de expansão do escotismo. Como preparativo para esta viagem, estes três dirigentes tiveram um curso intensivo de quatro semanas para a aprendizagem do espanhol.

Exposição Escotista na Abadia de Westminster — Desde fins de Janeiro que se encontra aberta ao público uma exposição sobre os Movimentos dos Escoteiros e das Guias nas abóbadas dos subterrâneos dos claustros da Abadia de Westminster, em Londres. A exposição, que fechará em meados deste mês de Março, mostra um pouco da história destes movimentos, o desenvolvimento e a série de actividades que oferece aos seus membros, tratando-se, como são, das duas maiores organizações juvenis de todo o mundo.

SUIÇA

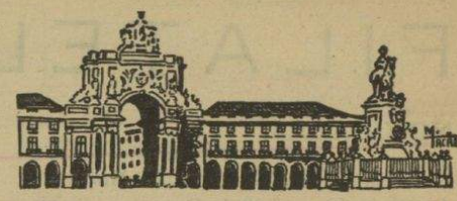
Manfred Von Wattenwyl — Em 16 de Fevereiro p. p., faleceu este dirigente escotista suíço, que desempenhou as funções de Secretário-Geral da associação daquele país desde 1927 até 1967. Muitos escoteiros europeus guardam desta personalidade as melhores recordações.

ITALIA

Os terramotos da Sicília — Algumas horas depois do primeiro tremor de terra que flagelou a Sicília, chegaram a esta ilha escoteiros italianos para auxiliar as vítimas da tragédia.

CONFERÊNCIA ESCOTISTA EUROPEIA

A Conferência Escotista Europeia de 1968 reunirá em Berna de 27 a 29 de Setembro do ano em curso.



Escotismo na Capital

UM NOVO NÚCLEO EM LISBOA

Por proposta de alguns chefes de grupo à Chefia Geral, vai ser submetida à apreciação a constituição de um segundo Núcleo para os grupos da zona de Lisboa e arredores, à semelhança do que já existe nas regiões do Norte e do Algarve.

Para chefe do novo núcleo, vai ser nomeado o escoteiro-chefe diplomado I. M. Sr. Mário Leite. Deste núcleo, ficarão a fazer parte ou grupos 1, 8, 9, 93, 94 e o que está em formação na Pontinha.

O Núcleo B de Lisboa vai realizar uma Semana Escoteira

O Núcleo B de Lisboa, em constituição, vai realizar, de 20 a 28 de Abril, uma Semana Escoteira, com o seguinte programa de actividades:

Dia 20 — Inauguração de uma exposição retrospectiva do Movimento Escotista em Portugal, a qual estará patente na sede da Fraternal durante toda a semana.

Dia 21 — Concentração no Castelo de S. Jorge. Palestra alusiva, por um antigo escoteiro, e início de um «grande jogo», que se estenderá por Lisboa e parque do Monsanto.

Dia 23 — Sessão Escotista na sede dos Serviços Centrais, com palestra alusiva ao dia, projecção de filmes e simulacro de «Fogo de Conselho».

Dia 28 — Homenagem aos pioneiros do Escotismo em Portugal e confraternização, em Sintra, com os antigos escoteiros.

Concurso de pegadas

O Núcleo B de Lisboa está a realizar, entre os escoteiros dos seus grupos, um concurso de pegadas, o qual tem o aliciante de 3 valiosos prémios, a saber:

1.º prémio — 1 saco-mochila;
2.º » — 1 lanterna eléctrica, com comutação de cores e botão para morse;
3.º prémio — Um livro de B.-P.

As pegadas têm de ser copiadas em gesso, sendo obrigatório apresentar o molde e contra-molde das mesmas, em execução rigorosamente individual.

Os trabalhos apresentados serão escolhidos por um júri de selecção e submetidos os melhores a um júri de classificação, que atribuirá os prémios.

A sabedoria só se encontra na verdade.

GOETHE

FILATELIA

Por Mendes Marques

NOVIDADES

Ainda em relação ao Jambori Mundial, a Argélia emitiu, em 23 de Dezembro, um vistoso selo de grande formato (40×52).

A série das Ilhas Maldivas, anunciada como comemorativa daquele evento, nada nos diz quanto às suas intenções. Na verdade, os 4 selos apresentam-nos no 1.º e no 2.º (amarelo e cor de tijolo) 2 lobitos em redor duma fogueira e um outro em actividade de transmissão semaforica. Em ambos a legenda «Lobitos das Maldivas» e a respectiva divisa. Igualmente para os outros dois (azul e verde), mas dedicados aos Exploradores. Em todos, a figura um tanto estilizada de Baden-Powell.

A Índia e o Nepal emitiram um selo comemorativo dos 60 anos do Escotismo Mundial.

O Haiti, pela 2.ª vez, fez uma emissão dedicada à educação do povo Haitiano. Em dois dos seus valores, 3 escoteiros, o nó direito, a Flor de Lis e a legenda «*A educação pelo escotismo*».

O Uruguai, uma das repúblicas sul-americanas que ainda não havia homenageado filatèlicamente o Escotismo, emitiu um selo com a figura de um escoteiro, apondo-lhe a legenda «*Sir* Robert Baden-Powell».

A série anterior da Guatemala serviu agora — sobrecarregada — para comemorar o VIII Camporee Centroamericano, levado a efeito de 1 a 8 de Dezembro último, em S. Jorge Muxbal, local do Campo-Escola guatemalteco.

A anunciada série do Iraque, saída em 15 de Dezembro, homenageia os escoteiros e as guias iraquianos, em 2 valores cada, tendo também sido emitido um bloco.

O príncipe Henri do Luxemburgo, fardado de escoteiro, ilustra um selo da série de 6 — emissão Caritas 67 — deste país.

ROMÉNIA
2.º JAMBORI NACIONAL

O 2.º Jambori Nacional romeno teve lugar em Sibiu, na Transilvânia, de 5 a 31 de Julho de 1932.

O ideal escotista era, então, vivido com imenso entusiasmo. Escoteiros vindos da Checoslováquia, França, Polónia, Hungria e Grécia acamparam, nos belos bosques de Sibiu, ao lado dos seus irmãos romenos, num total de cerca de 2 300.

Durante dois dias o Acampamento recebeu a visita do Rei Carol II, da Roménia, que 20 anos antes havia fundado o escotismo neste país quando ainda príncipe, e de seu filho, príncipe Miguel, ambos fardados de escoteiros.

Filatèlicamente este acontecimento foi comemorado com uma emissão de 6 belos selos. Desenhados por Stefan Constantinescu e emitidos em 8 de Junho de 1932, os selos mostram-nos algumas sugestivas cenas de Campo, provàvelmente inspiradas no local do Acampamento. Os de 25 bani, 50 bani, 1 lei e 2 lei, representam, respectivamente, uma patrulha reunida em frente da sua tenda, um lobito sinalizando semafòricamente a letra X, um escoteiro com a sua vara e mochilha, onde não falta um taco de «criquet», ajoelhado sobre uma rocha, em plena floresta, em estado de observação, e uma cozinha na altura da preparação duma refeição.

Nos outros 2 valores, aparecem o Rei Carol (3 lei) e o mesmo e seu filho (6 lei).

Os selos levaram uma sobretaxa, de igual valor, destinada aos fundos escotistas e, à excepção do de 2 lei, todos mostram a insígnia de campo:—Flor de Lis atravessada por uma seta (baseada na «seta de ouro» do Jambori Mundial de Arrow Park?).

Foram dois os carimbos usados. Um apresentava a insígnia de campo e as palavras «CERCETASII ROMANIEI / JAMBOREEA NATIONALA» e o outro um simples círculo com as palavras SIBIU / JAMB. NAT.

Refira-se que, de cada valor, foram emitidos 150 000 exemplares.

Mendes Marques

NOTICIÁRIO

Uma exposição de temática escotista na Fraternal dos Antigos Escoteiros

Um dos números do programa das comemorações do 18.º aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros é uma exposição da temática escotista, que está patente na sede desta agremiação de 25 a 30 do mês em curso.

Intercâmbio Filatélico

O Círculo Cultural, departamento do Futebol Clube do Uíge, está promovendo a formação de uma Secção Filatélica, a qual se propõe corresponder com todos os filatelistas interessados na troca de selos sem carácter comercial.

O endereço deste círculo é: Caixa Postal n.º 150 – CARMONA (Angola).

VII Poemeto Filatélico

(Diante do selo comemorativo do centenário do malogrado bacteriologista Câmara Pestana).

Rapazes, aprendei a soletrar
O nome de Câmara Pestana,
Aquele que viveu para salvar
***(salvar,* eis a tarefa soberana).**
Se outros heróis o foram, em duelo
Expondo o peito, mas ceifando vidas,
Este, na luta, em gelo e em anelo,
O inimigo invisível combateu;
E, sem ninguém matar, por fim morreu!

Eduardo Moreira

ANTIGOS ESCOTEIROS

A reunião da Tertúlia

Decorreu muito animada a reunião da Tertúlia realizada no dia 23, num restaurante da Rua de S. Paulo, n.º 170, em Lisboa.

No jantar estiveram presentes os seguintes companheiros: Amílcar Fernandes, Ernesto Clímaco do Nascimento, D. Maria Aline Nascimento Raposo, D. Colete Matté Nascimento, Virgílio Clímaco Nascimento, Eduardo Xavier, João Henrique Pereira Soares, Joel Ribeiro, José Manuel Miranda de Melo, Luís Simões Aurélio e Ex.ma Esposa, Gustavo Pereira da Costa, Manuel Sá Viana, Eng.º José Maria Nobre Santos, Vasco Silva Antunes, Mário Luzano Pereira Leite, Levi Lobato, Humberto Martins, Luís Alves Miguel e António Pinto.

Durante o alegre convívio estabelecido entre todos os presentes, foram lidas mensagens dos seguintes companheiros, que não puderam comparecer: dos srs. Dr. Eugénio Henrique Ramos, António Xavier de Brito, Henrique Alves de Azevedo, e Brigadeiro Esteves Pereira e sua Ex ma Esposa, bem como dos nossos amigos Daniel Ribeiro Correia, ausente na Inglaterra, e António Augusto da Silva e Cunha, em Benguela.

Um dos momentos de maior expectativa foi quando se obteve contacto telefónico com o Comandante Alleaume, capitão de um navio de guerra francês que esteve surto no Tejo, o «*Commandant Bourdais*».

Pois o oficial francês deu a conhecer que tinha sido escoteiro, mas escoteiro do Grupo n.º 1, de Lisboa!! Esta novidade suscitou o maior interesse e surpresa de todos os «antigos» que se encontravam no restaurante.

O Comandate Alleaume afirmou que não estava presente na Tertúlia por quefazeres inadiáveis, dado que o seu navio zarpava do Tejo no dia seguinte.

Espera-se que estas reuniões voltem a contar com a presença de antigos escoteiros, sócios, ou não, da Fraternal, para que reassumam o carácter de acontecimento escotista que, em certa altura ainda não muito distante, tiveram.

O XVIII Aniversário da Fraternal

A Fraternal está a comemorar o seu 18.º Aniversário, com diversas iniciativas. Assim, no dia 17 deste mês realizou-se uma visita de estudo do Panteão Nacional de Santa Engrácia, facto a que nos referiremos mais em pormenor no nosso próximo número.

De 25 a 30, também deste mês, realizou-se uma exposição de filatelia da temática escotista.

Estão ainda projectados outros números comemorativos.

Uma excursão à cidade do Porto

Também dentro do programa comemorativo do seu aniversário, a Fraternal vai organizar, em 1 e 2 de Junho p. f., uma visita à Região Norte, para o que conta com a colaboração, não só do Secretário da sua Delegação no Norte, mas também com os Chefes dos Núcleos do Norte.

A excursão realiza-se em autocarro e o preço é de 115$00, devendo-se pagar no acto da inscrição a 1.ª prestação (60$00).

A Direcção da Fraternal fornecerá mais pormenorizadas informações a quem lhas solicitar para a Rua de S. Paulo, 254-1.º, em Lisboa-2.

"ESCUTISMO" na Enciclopédia VERBO

Continuação da pág. 1

admissão possa ser aos 6 anos de idade. Mas **5 anos** *é idade demasiadamente tenra para a prática do Lobitismo.*

O cerco de Mafeking é colocado nos anos de 1889-1890, quando este acontecimento se passou nos anos de 1899-1900.

Também se pode ler naquela publicação: «Com o casamento de Baden-Powell, em 1912, surgem as Girls Guids *(Guias)...» Ora as* **Girl Guides** *surgiram em 1910. Em 1911, B.-P. entregou a sua chefia a sua irmã Agnes, portanto, o aparecimento das Guias nada teve a ver com o casamento de Baden-Powell. É certo que, depois do casamento, Lady Baden-Powell se interessou pelo Movimento, que pôde assim atingir um maior progresso.*

Outro lapso relaciona-se com o Jambori de Londres de 1920. Lê-se que tomaram parte 111 000 escoteiros. Deve ser **gralha** *porque nunca em qualquer Jambori participaram tantos escoteiros. Segundo B.-P. escreve numa das suas obras, estiveram ali 12 000 escoteiros.*

Também no que se refere ao Escotismo em Portugal seria interessante referir que o 1.º Grupo constituído em território do Continente Português se fundou em 1912.

Gralha *tipográfica será ainda o nome de Baden-Powell escrito só com um «l» final, tanto mais que, na pequena nota bibliográfica com que o trabalho é encerrado, o nome se encontra por duas vezes correctamente escrito.*

Seria muito de agradecer se os Editores quisessem ordenar uma melhor revisão desta nótula.

Merece ainda reparo o facto desta Enciclopédia se intitular **Luso-Brasileira de Cultura** *e não ter feito qualquer referência à palavra ESCOTISMO, com «O», senão a que designa o movimento filosófico de João de Escoto. No Brasil, o movimento fundado por Baden-Powell é só designado por EscOtismo, não se usando ali a grafia com «U». Esta maneira de grafar é também aquela que tem mais tradição em Portugal, pois foi assim que o nosso Movimento se designou desde a sua fundação, usando uma palavra genuinamente portuguesa que nada tem a ver com a outra que se escreve com «U».*

Cada geração supõe-se votada a refazer o mundo.

ALBERTO CAMUS

Opinião dos Leitores

Caminhamos ou retrocedemos?

De Seia, um irmão escoteiro do C. N. E. vem dar a sua opinião acerca das considerações aqui tecidas em Janeiro passado pelo nosso estimado leitor Sr. Joaquim de Sousa Piscarreta:

Não há dúvida alguma que o tema se presta a um diálogo enorme e óptimo para um estudo profundo e aturado. O título «Caminhamos ou Retrocedemos?» só por si dá alvo a uma questão. E por que não começar por ele?

Aqui, como aliás em tudo, não se devem tocar pólos opostos se não quisermos cair em fanatismo ou em espírito de horizontes limitados. É lógico e natural que pensemos que caminhamos, é certo com maior ou menor intensidade, neste ou naquele campo, seja qual for a actividade ou o sector.

Retrocedemos? — a própria palavra se torna difícil de aceitar e de certo modo repugnada, não por orgulho, tão sòmente por falta de sequência lógica.

E na verdade não me parece que haja um retroceder mas sim uma estagnação, um caminhar sem descontinuidades aparentes, sem altos nem baixos, o que à primeira vista nos poderá parecer atraso.

O caso das transplantações agora em foco, não me parece que dê às pessoas a ideia de que um novo mundo está surgindo. E quem aliás o poderá pensar neste século de guerrilhas, de ódios que se acendem a todo o momento e em todos os locais da Terra?

Não estamos por este lado atingindo um mundo melhor, mas sim uma saúde duradoira e profícua. Não me parece que o mundo seria melhor, que as pessoas obteriam um comportamento mais humano e civilizado se todos desconhecessem o sofrimento e a doença.

Quanto a mim não há razão para pensar numa materialização, quando muito uma espiritualização do caso. Há, e isso é que é fundamental, na verdade um problema de vida ou de morte. Por que pensar em materialização no caso duma transplantação se ela vai prolongar a vida dum indivíduo e lògicamente a continuidade do seu «eu», da sua personalidade?

E quem poderá afirmar que os cientistas não estarão, de uma maneira indirecta é certo, a contribuir para uma melhoria do bem-estar da criatura humana?

Quantos problemas eles não levantam à medicina, sem a qual os seus êxitos não serão realizados totalmente? E não será essa mesma medicina que vem há muito contribuindo de uma maneira bastante clara para o tal bem-estar?

E se é que na verdade as transplantações têm sido feitas em indivíduos quase perdidos, isso não impede que as mesmas não possam ser feitas em pessoas que ainda se não realizaram totalmente. E ainda aqui quem terá o arrojo de afirmar que um indivíduo já cumpriu a sua missão? Até que ponto isso é mensurável?

Não será que assim estamos a fugir para um materialismo? Mais uma vez se prova o contrário na medida em que os cientistas, na sua luta contra a morte, tentam elevar o valor da pessoa como ente espiritual. E se há razão para nos podermos queixar de tanto dinheiro que se gasta em descobertas e trabalhos científicos, então repare-se mais para essas explorações interplanetárias, que não condenamos de maneira nenhuma, mas de cujos progressos ainda estamos longe de usufruir, e sejamos mais benevolentes, mais verdadeiros para com aqueles que de uma maneira ou de outra estão contribuindo para um desenvolvimento cada vez maior do conhecimento do próprio homem e esses, mais do que nenhuns, devem merecer todo o nosso apoio, a nossa admiração, o nosso reconhecimento.

João Carmo

Quem não se sente...

O nosso estimado colaborador Sr. José Manuel Mendes Marques, a propósito da carta do Sr. Dr. Roque Laia, apoia a nossa atitude, dizendo que, dar ao Escotismo característica para-militar, é caso para duvidar dos seus conhecimentos sobre o Movimento e acrescenta:

Porque não convidá-lo (*o Sr. Dr. Roque Laia*) a visitar os próximos acampamentos do C. N. E. e, possìvelmente o da A. E. P. e, além de auscultar as opiniões dos rapazes, observar quanto o campo é capaz de formar? Será que acampar é «untar a barriga com manteiga» e estender-se ao sol?

Agradecemos as palavras do nosso dedicado companheiro.

DO ENTRONCAMENTO

Despedida de um escoteiro do Grupo n.º 84

Acerca de uma notícia que publicámos no último número de uma festa de despedida do chefe da alcateia do Grupo n.º 84, pedem-nos que rectifiquemos a informação, pois aquele irmão-escoteiro não vai partir para o Ultramar, mas sim para Tavira, onde vai frequentar a Escola de Sargentos Milicianos.

Aqui fica a rectificação, com as nossas desculpas pelo involuntário lapso.

IRREVERÊNCIA E SAUDOSISMO FRENTE A FRENTE

Continuação da pág. 1

lícito esquecer que, mesmo assim, esses factos constituem um património oferecido pela experiência que não é sensato desprezar.

Irreverência e saudosismo, eis dois sentimentos objectos de atitudes de reprovação semelhantes, embora com diferentes origens: o saudosismo porque tem as suas raízes no passado, onde busca o húmus nutridor, negado pela irreverência dos jovens, que não crêem nesses valores e se sentem atraídos por tudo aquilo que tenda a projectar-se no futuro.

Vemos, assim, que qualquer destes sentimentos, a par de uma faceta negativa, oferece aspectos de cuja positividade não é justo duvidar. Novos e velhos têm papel de relevo na tarefa a realizar: os velhos, mercê do saber e da ponderação e, ainda, do capital de experiência laboriosamente colhido ao longo dos anos e nas contingências mais díspares; os novos, pela sua força criadora, pelo entusiasmo e energias em expansão, ciosos por se integrarem na sociedade, para cuja evolução querem contribuir efectivamente.

Dissemos acima que, tanto a irreverência dos novos, como o saudosismo daqueles que já carregam o peso dos anos, carecem de compreensão. Pondo de parte os casos em que estas paixões se mostram virulentas, talvez possamos agora afirmar que, para além da indulgência com que nos disponhamos a encarar esses sentimentos, eles necessitam sobretudo de ser disciplinados e canalizados no sentido de servirem objectivos proveitosos.

O futuro não se pode construir, abdicando do passado. A História é uma exposição de sucessos, nenhum deles independente daqueles que o antecederam.

Se os adultos tiveram na devida conta esta realidade e a inculcarem no espírito daqueles que despontam para a vida activa, ter-se-á dado um grande passo para criar o ambiente de colaboração, capaz de resolver os problemas com que, dia após dia, nos estamos defrontando.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Antigos Escoteiros

Perante o descalabro provocado pela onda de materialismo que subverteu o mundo, tão tristemente assinalou a nossa época e teimosamente pretende manter a humanidade em permanente estado de incerteza, mobilizam-se todas as forças espirituais, procurando não só restabelecer um imprescindível equilíbrio, mas esforçando-se ainda por levantar um dique que detenha a avalanche de Egoísmo, Ambição de poder e de bens que, se vem tornando as relações entre os povos difíceis, contribui mais ainda para envenenar as relações entre os homens.

Este mobilizar de forças espirituais veio descobrir que os Antigos Escoteiros, OLD SCOUTS como dizem os nossos camaradas de língua inglesa, constituem uma potência espiritual de valor inestimável, que pode contribuir para ajudar a humanidade a singrar pelo caminho da sua reabilitação moral.

Os antigos escoteiros e escoteiras constituem, em quase todas as nações, um escol de cidadãos com forte formação cívica e social, com sólidas afinidades espirituais, com a vantagem de se encontrarem projectados nos mais variados sectores de actividade humana, quer sob o pontó de vista político, religioso ou profissional.

Baseados nestes princípios pretende-se agora que o Movimento dos Antigos Escoteiros não seja apenas um motivo de recordação de «tempos passados» ou ensejo de reencontrar velhos amigos, mas uma acção tendente a fortalecer os princípios apreendidos na juventude, de maneira que eles possam ter a sua natural aplicação nas actividades de escoteiro adulto.

. . . . . .

Procura-se agora organizar a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal (...) Que se não perca esta oportunidade, tanto mais que esta iniciativa viria trazer ao Movimento Escotista aquele patrocínio de que ele tanto carece em Portugal, patrocínio tanto mais valioso por ser prestado por quem conhece, por experiência própria, a sua eficiência educativa.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DOENTES — Encontra-se doente, há já algumas semanas, o nosso bom amigo sr. Albano da Silva, nosso assinante patrocinador e secretário-geral da Associação dos Escoteiros de Portugal.

— Também o nosso estimado assinante sr. Wolgang Karl se encontra enfermo, em resultado de um acidente de viação de que foi vítima.

— O nosso assinante sr. John Westwood também está bastante doente.

A estes nossos prezados amigos, desejamos rápidas e completas melhoras.

DE LUTO — Em 8 de Janeiro p. p., faleceu a sr.ª D. Beatriz Adelaide Ferreira Lino e, em 17 do mesmo mês, o sr. José Elias Garcia Lino. Os extintos eram os pais dos nossos amigos srs. Fernando Ferreira Garcia Lino, nosso assinante, e Alfredo Garcia Lino, antigo escoteiro.

À família enlutada, apresentamos a expressão do nosso muito sentir.

— Em 24 de Fevereiro último, faleceu o sr. Caetano José Peixoto, casado com a sr.a D. Albertina Lopes Peixoto e pai dos srs. Virgílio Lopes Peixoto, ausente em Moçambique, e Manuel Lopes Peixoto, secretário das Relações Internacionais da A. E. P.

À família em crepes, e em especial ao nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Lopes Peixoto, apresentamos condolências muito sentidas.

Escoteiros de Portugal

Serviços Centrais

Tendo falecido recentemente o Sr. Virgílio Lory, delegado dos Serviços Centrais na Região dos Açores, a Direcção da A. E. P., na sua primeira reunião após a triste ocorrência, deliberou lançar em acta um voto de profundo sentimento, facto de que deu conhecimento à viúva do extinto.

* * *

No dia 13 de Fevereiro último, passou mais um aniversário da posse do Sr. Dr. Osório Vaz, como Governador Civil de Lisboa, cargo em que se tem afirmado grande amigo dos Escoteiros de Portugal, que muito tem ajudado, por bem compreender o valor do Escotismo e o labor da A. E. P.

Por este motivo, a Direcção enviou ao Sr. Dr. Osório Vaz um telegrama de felicitações, que foi prontamente agradecido.

José Manuel Mendes Marques

Este nosso dedicado colaborador, que, com muita competência, está dirigindo a secção filatélica de «Sempre Pronto», foi recentemente nomeado Chefe Regional Adjunto para a 2.ª Secção, Região da Covilhã, do Corpo Nacional de Escutas, motivo por que lhe endereçamos as nossas felicitações, com votos de muitos êxitos no desempenho do seu cargo.

DOS AÇORES

Grupo n.º 80 — Ponta Delgada

Partiu para os Estados Unidos e vai fixar residência em Fall River, o subchefe do Grupo n.º 80, sr. José Manuel Soares de Macedo, nosso estimado amigo e dedicado assinante patrocinador, que teve a gentileza de nos escrever a apresentar as suas despedidas e a saudar «Sempre Pronto», que deseja continuar a receber, pois, afirma, *é sempre com a maior satisfação que lê o nosso querido jornal.*

Agradecemos e desejamos-lhe as maiores felicidades.

O ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

A secção «Escutismo» do «Diário do Norte», assinala, com palavras de muita simpatia, a passagem do 23.º aniversário de «Sempre Pronto».

Agradecemos esta manifestação de amizade e retribuímos as saudações que nos foram endereçadas.

A felicidade consiste em nos entregarmos inteiramente a um sonho ou a um dever.

ERNESTO RENAN

Uma "partida" pregada a escoteiros

Do «Diário de Notícias» de 19 de Junho de 1916, transcrevemos esta curiosa local:

«PRAIA DO PORTO BRANDÃO,—12. —Na tarde do último sábado, chegou a esta praia, pela via de Almada, o grupo n.º 2 de escoteiros, composto de cento e tantos rapazes.

A sua chegada e permanência neste sítio despertou a atenção do povo, que apreciou muitíssimo o garbo dos simpáticos escoteiros e a sua correcta maneira de proceder.

Vinham acompanhados de três carros de transportes, que eles próprios puxaram, e ali traziam as suas barracas de abrigo, material de cozinha, etc.

O bivaque teve lugar na alameda que fica entre esta povoação e o cais do Lazareto, ficando também ali, bivacado em barraca própria, o pessoal feminino da Cruz Vermelha, que se compunha de seis meninas.

Mas, na madrugada de ontem, um grupo de marinheiros, que está alojado no antigo forte do Lazareto, prestando serviço de vigilância do Tejo, «assaltou» de surpresa o acampamento, sobressaltando os escoteiros, que dormiam a sono solto.

Foi uma «partida» engraçada e que pôs de sobreaviso as patrulhas de vigilância, que desde então ficaram mais atentas nos seus postos.»

Jovens embaixadores

Nos tempos presentes, em que tanta gente se delicia a denegrir a Inglaterra e para quem palavras como «lealdade» e «patriotismo» são consideradas como ultrapassadas e indignas de ser mencionadas, dá gosto saber da atitude, nos Estados Unidos, de dois escoteiros de Surrey. Ao terminar o seu período de aboletamento, oferecido gentilmente por um casal de Richmond, Virgínia, a seguir ao Jambori Mundial, os dois rapazes souberam que os seus hospedeiros desejavam fazer um brinde à Rainha de Inglaterra. Trataram por isso de mudar de camisa e de envergar o seu melhor fato e de aplicar uma nova engraxadela nos sapatos para melhor brilharem.

Os donos da casa ficaram tão bem impressionados com esta nobre atitude dos rapazes que decidiram escrever a Sua Majestade ...*«Achámos estes adoráveis jovens possuidores de tão grande amor à sua Pátria e devoção à sua Rainha...»*

Os Escoteiros limitaram-se a dizer: *«Pareceu-nos que era assim que deveríamos proceder, pois sendo os Virginianos tão amantes do seu Estado, deveríamos, por nossa parte, demonstrar-lhes que nos sentíamos também orgulhosos do nosso próprio país».* — The Scouter.

Em caso de acidente é preciso evitar o pânico

A observação de um acidente de viação tem um efeito moderador sobre o condutor que contempla a cena.

O mesmo condutor que, dez minutos antes, seguia guiando o veículo à velocidade máxima, o mais provável é que, dez minutos depois de passar pelo lugar do acidente, reduza a velocidade e com as duas mãos sobre o volante continue o seu percurso com maior consciência da observação das regras de segurança.

Há uma reacção psicológica em massa a quase todos os acidentes, que tem características boas e más.

As reacções psicológicas perante os acidentes ou incidentes violentos são muito variadas. Algumas destas reacções são: choque emocional, incredulidade, histeria, pânico. De todas as mencionadas, o pânico é a pior, pois trata-se duma reacção violenta e sem razão.

O pânico pode ter consequências desastrosas. Uma prova do que estamos a dizer existe na tragédia que aconteceu no Peru, não há muito tempo, durante um desafio de futebol em que pereceram mais de 200 pessoas. Para escapar do gás lacrimogénio, que causa só uma incomodidade temporal, a multidão aterrorizada arremessou-se para as portas de saída e em corrida impetuosa, para fugir, atropelando-se uns aos outros, morrendo esmagados sob o peso de milhares de pessoas ou sufocados por falta de oxigénio.

Onde houver agrupamentos de pessoas para trabalhar, jogar, fazer compras, estudar, etc., o pânico está à espreita. Está sempre presente nas fábricas, nas oficinas, à espera do momento crítico para incitar o desastre. O pânico adopta várias formas, pois nem sempre, necessàriamente, as pessoas saem a correr aterrorizadas. Vejamos o que pode acontecer num local industrial: Suponhamos que se empregam produtos químicos no seu processo de fabrico. É de manhã cedo e o primeiro turno do dia encontra-se já a trabalhar.

De repente, produz-se uma explosão numa secção afastada do departamento de fundição. A onda do impacto afecta a área principal da produção. O prédio estremece violentamente e em todo o comprimento dum dos lados do edifício os vidros das janelas caem em bocados à rua. Uma espécie de nevoeiro atmosférico, inofensivo, estende-se dentro do local impedindo parcialmente a visão.

Imediatamente depois da explosão, cai sobre o local um silêncio sepulcral que dura quase dez segundos. A seguir começa o murmúrio das centenas de trabalhadores e cada vez as vozes são mais altas.

No meio de tudo isto, alguém principia com um ataque de tosse que é como a chispa que incita aos outros. De um lado sai uma voz que grita: «Gás!».

Em menos de dez segundos principiam os gritos e em seguida... o pânico.

Na realidade ninguém sofreu, nem sequer um arranhão, como consequência da explosão. Não houve dano algum, com excepção dos vidros das janelas, mas o medo do desconhecido tomou posse dos trabalhadores.

Dois encarregados que se achavam na área da produção quando ouviram a explosão souberam logo a origem da mesma e o que significava. Tratava-se, simplesmente, do rebentamento do colector de vapores da caldeira. No entanto, estes dois encarregados nada fizeram para acalmar o medo dos trabalhadores.

Depois de um incidente, é o encarregado responsável que deve tomar a primeira decisão.

Nos momentos de crise, os seres humanos instintivamente procuram alguém a quem seguir. Como é fácil de compreender, os trabalhadores esperam que o encarregado que está mais perto deles demonstre as suas condições de chefe e encare a situação.

Quando isto não acontece e o encarregado mostra confusão ou apatia, esta atitude é transmitida ao resto dos trabalhadores. A não ser que uma pessoa desembaraçada tome conta do controlo da massa, esta pode resultar impossível de manobrar.

Todo o pessoal de chefia deveria ter consigo o que poderíamos chamar «o alfinete para esvaziar o balão do pânico». Referimo-nos à convicção que deve ter o encarregado de que tem de actuar com calma e inteligência, quando se apresenta uma situação como a que descrevemos anteriormente. Armado desta determinação, quando chegue a ocasião ele poderá afastar e aniquilar qualquer aumento de tensão ou dúvida que se manifeste nos homens sob o seu comando. Bem poderia ser ele o salva-vidas de todos eles.

Imediatamente depois dum acidente ou incidente, a pessoa responsável, se não se encontra incapacitada, deve analisar a situação. Antes de mais nada, verificar a extensão do dano, as lesões e os novos riscos em potência. Em voz alta e em tom firme, chamar os camaradas e acalmá-los e, depois, decidir o que têm de fazer primeiro. Se tem alguma dúvida em relação à necessidade de evacuar a área, certamente que deve dar a ordem.

Entre os leitores deste artigo poderão estar os que um dia terão que se ver perante uma emergência séria que requererá coragem, resolução e decisão.

Agora é o momento de analisar-se a si próprio. Estamos preparados?

O «SEGURO» MORREU DE VELHO...

Apólogo para os nossos dias

Sou a «Prudência»: conhecem-me? Talvez estranhem o meu aspecto ao verem-me agora «adornada» de adesivo e ligaduras e esmaltada de mercuro-cromo. Talvez mesmo surpreendam o meu olhar um tanto desvairado. Mas tudo se vos explicará.

Pois se lhes parece!

Sou a irmã mais nova da Experiência. Família respeitável. Um nosso avô, muito conhecido e assaz estimado, deu-nos prestígio e fama, devido ao seu feitio que todos elogiavam mas poucos imitavam. Chamavam-lhe o «Seguro». Coitado; que saudade! Porque, já sabeis? Sucumbiu; morreu de velho. Apesar da senectude conseguiu ir resistindo devido aos proverbiais cuidados de que se rodeava, mas a lei fatal atingiu-o. Fui ao seu enterro, eu, a Prudência, tão confiante quanto me era possível, devido ao exemplo que dele recebera. E quem me via passar ia dizendo: «Olhem quem ali vai. O velho Seguro afinal morreu mas a Prudência vai no séquito».

Pois ia, sim, senhores. Mas à volta... Bem se poderá dizer que o Seguro morreu de velho e a Prudência foi ao enterro. Porém, ao regressar... é o que vedes: fui atropelada. Já nem eu mesma escapo!

E. M.

SEMPRE PRONTO

Número 275

Março de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

A Sé Catedral

por **Luís Simões Aurélio**

III

(Conclusão)

Procurámos nos dois artigos anteriores dar uma síntese, tanto quanto possível elucidativa, acerca da fundação da Sé de Lisboa e das transformações que, ao longo da sua existência de séculos, sofreu este antigo monumento.

Tão rica de motivos, quer artísticos, quer históricos, é a Catedral de Lisboa, que se torna pràticamente impossível, no âmbito desta pequena crónica, a sua detalhada enumeração. Assim, procuraremos focar nas linhas que se seguem apenas alguns motivos de maior interesse, uns, pelos primores de arte que neles se admiram, outros, pelos acontecimentos históricos a que se encontram ligados.

O estilo gótico, que floresceu na Europa no século XIII e perduraria até ao século XV, surge na Sé de Lisboa no reinado de D. Dinis, quando por mandado do monarca se constrói o formoso Claustro Gótico, uma das mais notáveis construções deste estilo existentes no país e muito semelhante ao Claustro do Silêncio, do Mosteiro de Alcobaça, também pelo Rei Lavrador mandado edificar. De duas galerias, ou pisos, a inferior em estilo gótico e a superior em estilo românico, particularidade esta que admite a hipótese, aliás fundamentada não só na desigualdade dos estilos mas ainda na qualidade da pedra empregada, de ter sido a arcaria românica do segundo pavimento pertença de outro monumento religioso do qual teria vindo para a Sé e ali adaptada.

Possantes botaréus, ou contrafortes, formando vãos no centro dos quais se abrem formosas janelas geminadas cujos arcos de volta quebrada, ou ogivais, assentam sobre colunelos rematados por capitéis. Sobre as janelas geminadas, magníficas rosáceas, cada uma destas de delicado lavor e todas diferentes. Contemporâneas da construção deste notabilíssimo claustro são também as Capelas que à sua volta se contam. Cada uma de sua invocação, têm todas a sua história. Uma, porém, se impõe seja aqui mencionada pelo acontecimento histórico a que se encontra ligada. Trata-se da Capela de N. S. da Piedade, e também chamada da Senhora da Terra Solta. Instituída por D. Margarida de Albernaz, mulher do Almirante de El-Rei D. Dinis, Nuno Fernandes Cogominho, foi nela que teve a primeira sede a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, ali fundada pela mulher do D. João II, a Rainha D. Leonor, obra que levou a cabo por inspiração do seu confessor Frei Miguel Contreiras, o que nos é narrado pelo insigne Mestre Júlio de Castilho na sua já citada «Lisboa Antiga». Em 1534, D. Manuel I transferiu a Misericórdia para a Conceição Velha, onde permaneceu até 1755 e após o terramoto, e depois de várias vicissitudes, acabou por ser instalada em S. Roque, onde se situa, desde 1768, a sede desta benemérita obra de solidariedade humana.

Na dita Capela vê-se o túmulo com a estátua jacente de D. Margarida de Albernaz. O curioso nome de N. S. da Terra Solta, pelo qual esta Capela foi durante centenas de anos designada, provém, é ainda Júlio de Castilho que nos conta, da particularidade de não ser o chão da mesma coberto de pavimento, mas sim de terra. Todavia, nas obras de restauro, a que já nos referimos, foi encontrado o pavimento formado de ladrilhos pertencente a esta capela, ao contrário do que rezava a tradição da sua não existência.

Outra notável construção em estilo gotico, também levada a efeito no reinado de D. Dinis, foi a da formosíssima capela de Bartolomeu Joanes, cujo túmulo, todo em pedra lavrada e ostentando brasões, nos mostra a estátua jacente desta misteriosa personagem que se crê ter sido um rico mercador de Lisboa, mas também tem sido apontado como tabelião e fidalgo estrangeiro.

O estilo gótico iria porém atingir o seu apogeu na Sé de Lisboa, no reinado de D. Afonso IV, em que se construiu o famoso Deambulatório e as Capelas Absidais, chamadas Afonsinas, como já referimos no primeiro artigo. É difícil esboçar em poucas palavras toda a beleza desta admirável construção. Só uma visita do leitor, que se impõe e aconselhamos, poderá dar uma ampla ideia da grandiosidade monumental que ali se admira.

A luz, penetrando através de sete frestas ogivais, vem reflectir-se no artesonado das abóbadas, emprestando a estas uma suave claridade que permite apreciar o contorno das suas nervuras e florões. Por debaixo destas janelas, abrem-se os arcos de volta quebrada, assentes em colunas rematadas por magníficos capitéis todos diferentes, formando o pórtico de entrada nas Capelas, ao fundo de cada uma destas, a luz, por sua vez, coada por três estreitas janelas góticas guarnecidas de vitrais, ilumina os altares em cantaria e as amplas abóbadas em que sobressai o magnífico relevo das suas nervuras. É em duas destas Capelas Afonsinas que se podem admirar três valiosos espécimes, além dos já acima mencionados, da arte tumular dos séculos XIV e XV. Assim, na Capela da invocação de Santa Ana, pode ver-se o túmulo a que se chama de «Uma Princesa Desconhecida», ostentando a estátua jacente de uma jovem tendo nas mãos um missal aberto. Segundo o saudoso olisipógrafo Norberto de Araújo, no seu valioso trabalho «Inventário de Lisboa», parece tratar-se da Infanta D. Beatriz, filha dos Reis de Aragão, e neta de El-Rei D. Afonso IV.

Outros dois túmulos, ambos com estátua jacente, encontram-se na Capela, chamada de S. Cosme e S. Damião. Um, é de D. Lopo Fernandes Pacheco, o outro, de sua mulher D. Maria de Vilalobos. Trata-se de dois túmulos de grande valor iconográfico para o estudo da indumentária da época. Foi este D. Lopo Fernandes Pacheco, fidalgo e cavaleiro de D. Afonso IV, ao lado de quem se bateu na Batalha do Salado, em 1340. Embaixador de El-Rei junto do Papa Benedito XII, entre os seus filhos conta-se o conhecido Diogo Lopes Pacheco, um dos três conselheiros de D. Afonso IV, aos quais se atribui terem levado o Rei a consentir a morte de D. Inês de Castro.

Na Capela-Mor, como já acentuámos ainda não reintegrada no estilo da sua época, encontram-se os túmulos de D. Afonso IV e de sua mulher a Rainha D. Beatriz, estes do século XVIII, mandados construir pela Rainha D. Maria I em substituição dos que foram danificados pelo incêndio que se seguiu ao terramoto de 1755.

Entre as numerosas lápides comemorativas de acontecimentos históricos a que se acha ligada a Sé de Lisboa, são de apontar, pelo seu alto sentido evocativo, três que se encontram incrustadas nas paredes da galilé, ou seja nas paredes do átrio da entrada principal do templo, duas à direita de quem entra e uma à esquerda. Deste modo, à direita, uma lápide, em caracteres góticos evoca a tomada de Lisboa aos Mouros em 1147, e outra, do mesmo lado, diz-nos que na Sé foi baptizado o grande padre António Vieira, que naquela freguesia nasceu aos 6 de Fevereiro de 1608. Na parede da esquerda, uma outra lápide, esta em caracteres latinos, comemora também a tomada de Lisboa e foi ali colocada em 1654 e é a tradução da que se encontra na parede fronteira. Estas lápides vêm reproduzidas e largamente descritas e estudadas nos volumes terceiro e sexto da já citada «Lisboa Antiga» de Júlio de Castilho.

Muito fica por dizer sobre a velha Sé de Lisboa. Compreender-se-á, todavia, que assim aconteça se tomarmos em conta o reduzido espaço destas linhas, aliado à escassez dos nossos conhecimentos em comparação, impossível, com o que tem sido largamente descrito por eminentes arqueólogos, historiadores e olisipógrafos. Na modéstia da nossa colaboração, dar-nos-emos por satisfeitos se, principalmente junto dos nossos mais jovens leitores, conseguirmos dar-lhes uma ideia do que para Lisboa representa a jóia do mais puro quilate do seu património histórico e monumental.